

Apresentação do dossiê O corpo-território e as políticas do afeto

Mayara Ribeiro Guimarães
Universidade Federal do Pará (UFPA)

André Masseno
Universidade de Zurique (UZH)

O presente dossiê, em seus doze artigos temáticos, buscou discutir o corpo para além de seu sentido como entidade biológica, pensando-o também como uma entidade histórica, atravessada por memória e conhecimentos pessoais e comunitários. O corpo aqui foi pensado, sobretudo como um território político (Pisano, 2011) que, entretanto, é por vezes apropriado por discursos, ideologias e práticas que desestruturam seus saberes individuais e coletivos. Neste caso, a exploração e opressão configuram-se como dispositivos historicamente institucionalizados que, por conseguinte, geram e sistematizam "geografias do terror" (Borzacchiello et al., 2022). Nas chamadas "guerras internas" produzem-se não somente a apropriação dos corpos e sua anexação quase como território, mas também sua condenação (Segato, 2016). Não obstante, em "tempos de paz" a opressão também é produzida pela invisibilização e extermínio de corpos femininos e feminizados, assim como de corpos racializados e/ou em trânsito migratório.

Em outra chave, a luta ambiental está diretamente ligada à preservação de um corpo que é também não-humano (animal, espectral, vegetal, mineral), um corpo-território pensado como coletivo e detonador de transformações. Resulta significativo que em contextos de conflitos eco-territoriais sejam as mulheres as que carregam o papel de defender a natureza (Silva Santisteban, 2017). Essa constatação abre a reflexão sobre como o extrativismo, por exemplo, afeta os corpos humanos e não-humanos e, de maneira diferenciada, a vida das mulheres em seus territórios, com ressonância em suas práticas políticas e em produções culturais diversas.

O corpo pode, assim, ser estudado a partir de diferentes modalidades de relação, tanto como território primeiro e individual, quanto coletivamente, pensado desde a biopolítica e seus efeitos como coletivo. Mas ele também pode ser pensado politicamente como um prolongamento da t/Terra, isto é, como corpo-terra (Haesbaert, 2020), em elo profundo com a natureza, como mostram diferentes culturas ameríndias. O corpo-terra-floresta é vivo, tem espírito e coração, respira, fecunda, mas também adocece, morre e reage (Kopenawa & Albert, 2015), isto é, afeta e é afetado, agencia e relaciona-se. A potência política do corpo-terra envolve pensar a ampliação da noção de sujeito para além do humano e suas interações com o espaço, abrindo o campo político para o não-humano, pensando a re-existência implicada na resistência. Em qualquer um dos casos, o corpo insere-se em experiências ou concepções múltiplas e amplas de tempo e espaço definidas na interação com outros seres e diretamente ligadas a processos culturais, ambientais, históricos e econômicos.

Neste sentido, a intenção deste dossiê foi repensar/discutir o corpo como entidade política, mais precisamente como um território de dimensão prática (Gago, 2019) e, sobretudo, mobilizada pelo afeto como elemento propulsor de transformação.

O afeto provocado pelas obras de arte está diretamente ligado à consideração da arte como uma força cultural política. Uma imagem, frase ou materialidade desempenham performances que

atuam gerando efeitos que, por sua vez, podem ser políticos, éticos e estéticos (Bal, 2019), colocando em relevo o potencial crítico de diferentes produções culturais que, no contexto atual latino-americano, contestam os diferentes modos de violência através dos afetos e da forma.

A arte e a escrita contemporâneas parecem lançar luz sobre tal problemática. A partir de suas diversas estratégias discursas e/ou visuais de representação, figuração, e de encenação do real, evidenciam o corpo como um campo de/em disputa, implicando afetos. Embora sejam evidentes as configurações da violência sobre múltiplas corporeidades, este dossiê buscou pensar as produções estéticas atuais que vêm promovendo uma subversão da ideia do fracasso e da violência. Muitas delas contestando a história oficial e colonial, a fim de vislumbrar e materializar outras possibilidades de narração e representação, especulando outros territórios possíveis pela corporeidade do afeto e seu caráter performativo.

Neste sentido, esta edição buscou pensar as relações entre corpo, território, escrita e as políticas do afeto em literaturas produzidas pelo sul e norte global, discutindo afetos e práticas políticas e culturais em torno de perguntas que fazem repensar a relação com o corpo, desde a modernidade até a contemporaneidade.